

O MEXERICO

Diretor :
G. Buono

Fundadores: K. L. PRADO e L. CARVALHO

Gerência :
J. Duarte

ANO I — Cachoeira Paulista, 23 de Fevereiro de 1958 — N. 41

Folia Animada

O carnaval nesta cidade, este ano superou, apesar de sair somente um cordão e duas Escolas de Samba. Discutir? não podemos. Como cordão, os foliões da Margem, sob a ordem do conhecido Zézinho Espanhol abafou em cheio, recebendo aplausos em todos os locais que paravam ou por onde passavam. Apresentaram-se com as quatro melhores porta-bandeira de nossa cidade, ou talvez do Vale do Paraíba. São elas:

Eligênia - a bailarina que deixou-nos boquiaberta, Lais - a moça que prometeu e cumpriu. Fez sucesso demais, Izaura - como sempre, progredindo mais. Também acertou o passo, e a Dinorath? que dizer da garota graciosa? No magestoso carro alegórico, ela distribuiu olhares melancólicos e irradiou beleza, com aquele narizinho de grega, que não deixou ninguém socegado.

Este carro foi ornamentado pelo nosso estimado amigo Edinho, que sem medir esforços, apresentou-o com bastante atração e gosto. Prosseguindo nossa reportagem não esqueceremos do nosso tão lutador incansável Zé do Evaristo, que todos os anos mostra-nos uma Escola de Samba daquelas do Rio. Este ano esteve melhor e esperamos que assim o senhor continue. Seu cordão esteve ótimo. O que pouco nos fez aplaudi-lo foi sua saída para cidades vizinhas. Fantasia, ritmos, porta-bandeira, tudo legal.

Quanto ao bloco da Infância do Morro, pela idade e tamanho não podia ir além de 100%.

Cada componente fez sua própria fantasia. Também fizeram sucesso, estão, pois, de parabéns. Agradou a gregos e troianos. Dizem que tudo que vem do Morro faz sucesso, e, é mesmo, pura verdade.

Os caros leitores estarão lembrados do Bloco Morro de S. Antonio, que não tinha nem sequer uma sede? Seus ensaios eram feitos na rua, quando não chovia. Bloco Turma do Funil e etc... E tudo que sai de lá, fará sucesso inatingível, sabem porque? Lá não existe cor política e nem racial. Façam um cálculo meus amigos se saísse nestas ruas cordões do Social O., Clube L., M. S. Antonio, V.-Carmen, M. Esquerda e Unidos da Vila. Quão bom não seria!

Para o ano talvez tudo caminhe melhor, e se Deus quiser que ainda estejamos circulando o nosso jornal, ajudaremos a incentivar este povo amigo e folião.

(Os repórteres)

Carnaval ...

Foi-se o carnaval. Que pena! A gente já estava acostumado ouvir de todos os lados «engole ele o paletó» engole ele. Se o paletó foi engolido ou não é o que não sabemos, pois dado o calor excessivo camisa virou paletó.

«O Mexerico» esteve a postos. Seus repórteres elegantemente trajados e desenvolvendo maneiras distintas e cavalheirescas, foram convidados a abrir os cordões. E o fizeram com aqueles meneios coreográficos manobrando os pés, como galinhas quando cisam ou alçando o pescoço e recurvando a cabeça tal qual um «chant-clair» de Rostand - ou seja um galo quando anuncia o nascer do sol e assim os repórteres do «O Mexerico», com o garbo que os caracteriza deram uma nota distinta. Estivemos presentes em todos os lados, penetramos em todos os bailes e participamos do julgamento dos cordões. Podemos portanto falar de cátedra. Gostamos dos bailes, porém os cordões deram a nota principal. Não devemos estabelecer distinção, porque a tigrada esteve maravilhosa.

Quando ouvia-se o repinicado dos tambores, todo mundo, desde as crioulas as velhas, mexiam com as cadeiras. Finalmente encontramos o nosso querido Diretor no cinema. Foi difícil achá-lo, porquanto S.S. com seus trejeitos indumentária berrante e passos ariscos se desmanchava no samba de braços dados a duas bombaleantes representante da raça africana, o que ocasionou sérios incidentes com o prof. Walter, autêntico e lúcido representante da sua raça. Assistiu o incidente o nosso invicto auxiliar de redação e consumado artista, o Sr. Euzébio M., que gentilmente postando-se ao nosso lado afugentou o português com essa frase:—

Continúa na 4.ª página

Apêlo ao Clube

O nosso pequeno Jornal faz um apêlo à Diretoria do Clube Literário para que no próximo carnaval, institua taças como lembrança da sociedade, às melhores fantasias em grupo e em individual. Só assim voltaremos a ver bastante fantasias, como nos anos anteriores, no salão n. 1 da cidade. Pois este ano só vimos com agrado mesmo, a turma de índio e os de fraque.

Um sócio

Uma pura Verdade

Quando desfilava em uma de nossas ruas a «Infância do Morro» um garoto que chegou perto do bloquinho, para melhor apreciar, começou a debochar e a rir do chefe da bateria, o menino Tutinho.

O colored trilou o apito, parou a escola foi tirar satisfação com o impertinente. Depois de chama-lo ou convida-lo a uma disputa de força e vendo que o mesmo nada queria senão de zombar das crianças, novamente fez recomençar a bateria, e ao mesmo tempo fez reinar a alegria no local.

Com o rosto ainda corado, disse :

—Vá embora se não eu te pego depois do carnaval. Sapo de fora não chia, ouviu? E a escola prosseguiu a gingar.

Quem diria que...

-- na última noite de carnaval, o conhecido Adhemar, iria aproveitar da veste preto-branco; para apanhar umas de-

liciosas goiabas no quintal de uma casa próximo aa B. Brasil?

-- a «Infância do Morro», iria colocar-se na ala primeira da disputa da taça? Pois bem, aquela infancia transviada, mereceu honrosamente os olausos do povo.

-- os bailes do C. Literário, iriam suplantar aos do Cinema?

-- a turma da Marilena Maruco, fantasiada de índio iriam superar? Estavam bem originais. Os leitores, já pensaram se o C. Lit... desse taça aos grupos fantasiados?

-- o Adhemar, Klerb e o Gilberto, de fraque, gravata borboleta e chapêu a Lá Reporte iriam chamar atenção?

Por trás dasCortinas...

Existe em Cachoeira, garotas (algumas) e ainda de nossa sociedade, metidas a bacanas, que gostam de tragar umas pontas de cigarros, as escondidas.

Certo dia ao entrar no B. Brasil, com nenhuma intenção, olhando à porta da «toilet», vi umas presumidas «artistas» saírem de lá, com os olhos arregalados e assustadores, dando mais prova ainda do que estavam praticando. Talvez, os pais dessas bonitas meninas, não sabem do ocorrido, mas se isto novamente acontecer, seus nomes estarão em letras de forma, nestas colunas.

No recinto onde se achavam, devido ao efeito de seus cigarros, parecia verdadeiramente uma câmara de gás.

Em nossa nova filmagem, talvez essas meninas aceitem os lugares de estrelas que brilham nos Lábios.

O filme terá o nome de «Fumando às Escondidas».

Todo o cuidado é pouco.

QUERER É PODER!...

Para sua maior comodidade,
construa o seu lar no

Parque Primavera

Const. C. Simarotta Ltda.

Se dependesse de mim ...

Pensando bem, há muito apelido errado. A gente fica matutando e examinando a vida de cada um, os cognomes que receberam e depois, fazendo um exame frio do que cada qual representa hoje, fica com vontade de mudar. Por isso é que estou incluindo aqui o nome de alguns amigos, cujo apelido eu mudaria se pudesse :

Nilton Roseira - Amigo velho de guerra, recebeu, desde o batismo, os mais variados apelidos. Citá-los, seria requerer uma edição especial com uma centena de páginas. Para dizer alguns, eu diria Martinelli, Dr. Bronquinha, Fominha, Rosneira etc. Entretanto, analisando devidamente sua personalidade e considerando que brevemente será professor secundário, batizá-lo-ia por professor Matraca, isso por que sua principal característica é falar «baixo», quase não incomodando os outros.

Orlando - Desde que conheço este rapaz, chamam-no por Manteiga. O motivo desse apelido, não sei. Talvez por que fosse chorão. No entanto, parece que Manteiga já não lhe fica bem. Eu, de minha parte, chamo-lo-ia Marmelo. Por que? Olhem bem para ele.

Edemir - Do galã do século XX conheço apenas dois apelidos : Zé Onça e Mamica. Esses, porém, já ficaram para trás, e sua persistência em conseguir novas fans, exige que o chamemos de Biriba. Lembram-se desse personagem?

Helcio - Quanta cara quebrou esse rapaz, porque o chamavam RANC...! Mas não era só esse. Para esse moço arranjavam um apelido por dia ... e ele ao menos uma vez por dia arranjava uma briga. Últimamente, chamam-no de Português, o chato. Não gosto, porque Português nós já temos um, e não se pode mais chamá-lo de chato, porque já arranjou quem o ature. Não seria melhor D... Quixote? Leram o livro desse herói? Se lerem, compreenderão porque.

Eduardo - Esse jovem teve inúmeros apelidos e eu não me lembro de um único que «pegasse». Eu, de minha parte, acho que deveríamos chamá-lo Dr. Satan. Por que? Bem... os modos dele explicam melhor.

Romeu e Julieta - Aqui, resolvi começar dizendo o apelido que eu daria. Isso porque o Romeu é o Dr. Satan - lembrem-se - nos momentos em que está ao lado da namorada. Seu romance nos lembra muito bem o de Romeu e Julieta, os dois eternos apaixonados. Quanto à Julieta, penso que seria desnecessário dizer que estou me referindo à Nely.

Roberto - Há muito tempo venho pensando numa forma de trazer para as páginas desse jornal o nome do TAFE' e por mais que pensasse não conseguia, mesmo porque ele agora é menino muito sério. Mas, como sempre achei que seu apelido está errado, quero dar meu palpite. Não acham mais interessante chamá-lo Don Pedrito? Não sei, mas embora pouca relação exista entre o Tafe e a música que fala desse personagem, acho que ele tem cara de Don Pedrito.

Manoel - Não é perseguição, não. O caso é que estando diariamente em contacto com esse rapaz, e o conhecendo, perfeitamente, não poderia deixar de lembrá-lo aqui. Imprensa não é apelido que lhe cai bem. De todos os que tem, é o mais desconexo. Que tal se o chamássemos Marretinha? Penso que seria exatamente o apelido que ele gostaria de ter : MARRETINHA... pois ele não gosta de marretar os outros?

Zé Xerêta.

Nota Social

Embora possamos brincar com esse nosso amigo, agora não o fazemos, noticiamos apenas que foi convidado e aceitou o cargo de Diretor do Grupo Escolar do Putim, município de Aparecida, o jovem José Gomes Ramos (Zezé) Olha lá? não conte que muito brincou neste carnaval.

Carnaval ...

Conclusão da 1.ª página

— Bardugues lá vai baruba (Peroba).

Em tempo suficiente esclarecemos, que em outro número deste conceituado semanário os nossos leitores encontrarão sucinto relatório dos festejos carnavalescos desta cidade, para os quais tanto contribuiu a mocidade, que embora na pindaíba, teve no entanto muita graça e boa vontade.

Os reporteres

Na Marreta

Num série H da Central do Brasil, desceram na estação local, 3 elementos de catadura feia e má. Eram eles Paulo França, Hellyr Peregrino e José Guerrilhas, grandes animadores do carnaval. Ainda na estação perguntaram pelo Pepé. Desejavam eles, notícias do seu colega «vira num golé». Informamos que o Pepé, segundo informações do Jayme Paxá, agora o rapaz só bebe cachaca no balde. Resultado, esses 3 mosqueteiros imediatamente se dirigiram a casa comercial da Estação e aí compraram três baldes acompanhados da respectiva munição.

Quando o Sr. Cici Viana viu chegar em sua casa aqueles troféus, benzeu-se. Mandou preparar almoço para esse faminto e qual não foi surpresa ao ter conhecimento de que eles davam, a duzia de garrafas que traziam, o nome de «um ligeiro aperitivo», bebido no balde. Engraçado é que essa turma perigosa só queria-se fantasiar de «balança mas não cai». Por fim o anfitrião, outro remédio não teve si não dar um pega nesses amigos, pois são mesmo de amargar pra comer. Em todo caso não deixaram de sair à rua em forma de cordão cantando a marcha... «ela é fan da Emilinha». Tiveram graça e nós daqui lhe damos os parabéns. São ótimos atôres. Se prosseguirem farão carreira. Interessante não fôra sua exibição ser em época de carnaval e, por certo, nesta horas os 3 estariam na cadeia...

Como disseram que este ano dariam, como deram, sua presença honrosa a esta cidade para o fim de fazerem uma «Estação de Cerveja», esperamos que no próximo ano, aqui estejam novamente para uma Estação de a... Jcool na companhia do contrerrâneo Pepé.

Eu.

Nossas colegas são assim

Como já deve ter chegado ao conhecimento de todos há desavença entre os «Galãs» de Guaratinguetá e a turma de Cachoeira, fato este

que dispensa comentários.

Pensavamos que tomando as dôres de algumas colegas que nos viviam reclamando desses galãs, não seríamos criticados por estas senhoritas. Mas, a nossa surpresa foi grande por serem as senhoritas as primeiras a nos recriminar.

Tomamos então a liberdade de dizer a todos a quem isso interessar, que há um fato deverás lamentável, passado em nossa cidade; tendo como protagonistas os «galãs» e as senhoritas.

Estava em pleno desenvolvimento um baile beneficente na residência do Dr. Danilo quando os citados de Guaratinguetá, aparecem sem um miserável níquel no bolso e tentaram «penetrar». Espernearam, lutaram, mas nada conseguiram. Quando tôdas as esperanças dos rapazes estavam terminando, eis que surgem as senhoritas salvadoras da situação e «Financiam» a entrada dos mesmos, no baile.

O fato em si não é de grande importância se houvesse um pouco de sigilo das duas partes. Mas, tal não aconteceu, pois a propaganda de que as moças de Cachoeira costumam pagar as entradas de baile para rapazes de outra cidade porque os moços daqui não eram de nada. Em Guaratinguetá isto é comentado e não fica bem para nós.

Creemos ter dado uma explicação plausível aos que nos criticaram pelo fato de tentarmos lavar a honra dos rapazes de nossa cidade.

Deixamos de citar nomes por que a carapuça servirá a quem quizer fazer uso dela.

a) José Januário Cozzi Lombardi

Elas... Eles e Nós...

O carnaval de Cachoeira
É de abafar e fazer poeira;
U'ano de brincadeira
Te juízo não dá canseira
Dois blocos do «APA» virado
Deixaram o povo «babado»...
A «Margem» com alacridade
Confirmou com raridade
Grande gosto aprimorado;
Prova que o nosso WALTINHO.
Bem feito fez o seu ninho...
Formidável, também ao seu lado
A Escola do EVARISTO
Teve o sucesso previsto...
Mas de todos o mais pequeno
Cheirando a puro veneno
Babando nos cantos da boca
Com sensação quase louca
Sempre sério e sem «Fuchico»
Vomita num esforço e num grito,
Viva o nosso MEXERICO.

(Os Repórteres)